



O alienista no poder

Uma nação sem cultura superior não tem autoimagem

Quanto mais de longe se olha o Brasil, mais se vê que não é um país: é um hospício. Um hospício sem médicos, administrado pelos próprios loucos que se imaginam médicos.

Nosso país parece estar sendo gerido por doutor Simão Bacamarte, onde todos que não coadunam com as narrativas da grande mídia e do establishment são completos malucos — um lugar onde todos são loucos, exceto o dono do manicômio, o alienista.

Mas é justamente nesses tratados como malucos que reside a resistência à barbárie total, a rendição completa a incivilidade e a loucura.

O perfil de ser humano considerado “deslocado”, “fascista”, “antidemocrático” é justamente quem confia nos próprios olhos, quem tenta tatear o mundo com as próprias mãos e vê com muita suspeita as vozes falantes no Brasil que tentam criminalizar as condutas comuns de seus cidadãos. Recentemente tivemos o caso de uma jornalista do UOL alegando que um assediador não era um maníaco, mas sim um homem comum fruto da sociedade patriarcal, um rebento do sistema opressivo de escravidão das mulheres. Isso deveria ser o suficiente em um país são,

para que a sociedade civil se mobilize para sancionar tal loucura pública — a boçalidade é tal, absurda em tantos patamares, que vou deixar o bom senso do meu leitor trabalhando enquanto voltamos a falar sobre o Brasil. O Brasil perdeu completamente o seu espelho cultural, sua auto imagem imaterial — quando perdeu todo e qualquer resquício de cultura superior, quando toda a linguagem do debate público foi substituída por slogans e palavras de ordens ocas e toscas. Não pense que isso foi um processo natural, com apoio da academia brasileira, gordas contribuições estatais através da lei rouanet e outras políticas — o ambiente literário e cultural como um todo foi completamente dominado pelos marxistas, fazendo nossa discussão pública girar em torno de economia, revolução e as insanidades do dia. A destruição da cultura superior evidencia-se não somente na desaparecimento dos espíritos criadores, mas na inversão da escala de julgamentos: na ausência de qualquer grandeza à vista, a pequenez torna-se a medida da máxima grandeza concebível. A idéia mesma de que a literatura deva refletir uma intensidade de consciência, uma riqueza de experiência humana,

acabou por se tornar incompreensível quando tudo o que se espera é, na mais ambiciosa das hipóteses, que o artista invente variações engraçadinhas para os slogans de praxe.

Nos anos mais recentes, porém, a situação agravou-se para além da possibilidade de uma descrição de conjunto. O máximo que se pode fazer é chamar a atenção para detalhes significativos, na esperança de que o interlocutor vislumbre a gravidade da doença pelo sintoma isolado. Um dos mais graves sintomas é a destruição da língua portuguesa, perdemos algumas pessoas do plural e quiçá do singular — isso sem contar os jovens que se expressam melhor em inglês a depender da circunstância. O fenômeno da destruição cultural do Brasil não pode ser tratado como desleixo de um povo preguiçoso e sem amor a sua cultura, pura e simplesmente — mas como tentativa de destruição da nação.

A redução da inteligência do nosso povo foi planejada, e foi ela que possibilitou a influência de potências do primeiro mundo em assuntos estratégicos.